

Breve Introdução em *Situação Valorativa do Positivismo* de Delfim Santos

– Conferência na F.C.U.L., no dia 12 Abril de 2011 –¹

Sérgio Fernandes

Quando o Prof. Filipe Delfim Santos convidou-me, há um mês², para colaborar neste seu projeto de tratamento da obra do seu pai – Delfim Santos –, apesar de trabalhar, há dez anos, em fenomenologia, só conhecia Delfim Santos de nome – nunca tinha lido nada dele e nem sabia que tinha introduzido o estudo de Husserl, em Portugal. Embora seja um patriota, não posso ter grande orgulho na filosofia portuguesa: ao contrário dos gloriosos tempos dos Conimbricenses, nos últimos séculos (e apesar de algo melhoria nas últimas décadas), a mentalidade portuguesa, infelizmente, não tem sido muito dada à abstração, ao rigor e à sistematicidade que qualquer área científica implica. Por isso, não me dedico muito a estudar o pensamento português – e logo não sou um especialista –, contudo, conhecia com uma considerável profundidade a obra fenomenológica de Júlio Fragata, de Joaquim de Carvalho e de Gustavo de Fraga.

O meu desconhecimento da obra de Delfim Santos é um exemplo revelador da profunda injustiça em torno do seu legado. Pode-se sintetizar a razão fundamental para esse estado-de-coisas no seguinte: a obra de Delfim Santos tem uma densidade filosófica anormal para o Portugal daqueles tempos. O início da carreira de Delfim Santos mostra este triste facto claramente: foi para Viena, em 1935, a conselho de Joaquim de Carvalho, estudar com o Círculo de Viena, e, em 1937, estudou em Cambridge – o outro grande polo do neopositivismo. Dessa experiência única mas penosa (como se verá, as ideias filosóficas de Delfim Santos são, no geral, oposta às do neopositivismo) resultou um livro de 207 densas páginas chamado *Situação Valorativa do Positivismo*, que teria sido a sua tese de doutoramento, se Joaquim de Carvalho (o

¹ - O texto foi atualizado para a norma ortográfica em vigor.

² - Início de março de 2011.

seu «tutor» académico) não a tivesse recusado – provavelmente, por não entender quase nada dos assuntos nela tratados.

A formação de Delfim Santos é única, em Portugal, ainda hoje: não tenho conhecimento de nenhum académico português de filosofia que tenha trabalhado com figuras tão importantes. Delfim Santos foi aluno de Moritz Schlick e de Nicolai Hartmann. Este último era, no final dos 30 (quando Delfim Santos foi orientado por ele), uma das maiores figuras da fenomenologia – e da filosofia alemã em geral. Schlick é uma figura importantíssima da história da filosofia. Foi o líder do Círculo de Viena e um dos pais da chamada filosofia analítica. Os autores Analíticos não consideram Schlick como um dos *founding fathers* da Escola Analítica; mas isso acontece por quererem esconder esse passado radical do positivismo lógico, com o qual, ao contrário do que dizem, nunca cortaram: ou seja, no essencial, o paradigma do neopositivismo e da atual filosofia analítica coincidem. Por isso mesmo, esse relatório, ou melhor essa análise crítica ao neopositivismo – *Situação Valorativa do Positivismo* – é uma obra, na sua essência, atual. Foi o Círculo de Viena que se reclamou como defensor dum novo estilo de filosofia. Daí que a filosofia analítica nasceu como Escola – i.e., como movimento filosófico organizado –, com o Círculo de Viena. A crítica que Delfim Santos faz em *Situação Valorativa do Positivismo* é, então, uma crítica, também, à filosofia analítica, ou seja, ao seu paradigma, por um lado fregeano (com o respetivo formalismo da filosofia como mera análise lógica da linguagem) e, por outro, naturalista ou fisicalista – no qual o único método científico é o experimental.

Mas essa crítica, como todas as boas críticas, não tem um aspeto meramente negativo ou destrutivo: ela é feita a partir da defesa duma sólida perspetiva diferente; apesar de, em *Situação Valorativa do Positivismo*, Delfim Santos (que apenas tinha 30 anos) não se vincular, explicitamente, a nenhum paradigma ou Escola. Dois anos mais tarde – 1940 – em *Conhecimento e Realidade*, Delfim Santos afirmar-se-á claramente como um fenomenólogo e, mais importante do que isso, como um husserliano – coisa rara ainda hoje, pois o embuste heideggeriano continua, infelizmente, a surtir efeito. No início dos anos 40, uma época em que a moda era diabolizar Husserl e canonizar Heidegger, para Delfim Santos a defesa de Husserl (em certa medida contra o seu próprio orientador de doutoramento – Nicolai Hartmann) além de ser demonstrativo de grande sabedoria e inteligência é revelador duma grande coragem e

caráter. Em *Situação Valorativa do Positivismo* já se pressente esse paradigma intuicionista³ e de realismo sofisticado de Husserl, e até algumas teses husserianas estão subjacentes – como a intencionalidade da consciência, a diferença entre *Gegenstand* e *Objekt*, o sentido como sendo uma compreensão de algo enquanto algo (e.g.: uma pedra enquanto granito), etc.

Todavia, *Situação Valorativa do Positivismo* não é uma obra de filosofia fenomenológica. Mas, independentemente do jargão e do aparato técnico usados, o conteúdo da *Situação Valorativa do Positivismo* está em linha com a obra seguinte de Delfim Santos – essa ortodoxamente fenomenológica: *Conhecimento e Realidade*.

Situação Valorativa do Positivismo, além duma crítica, digamos, protofenomenológica, ao neopositivismo, é também uma obra de epistemologia, e mais particularmente de filosofia da física – problemas como a causalidade e a indução são amplamente discutidos por Delfim Santos. No fim da sua carreira académica – nos inícios dos anos 60 –, os mesmos temas são tratados, o que mostra a coerência dum autor, que, para os menos atentos, pode parecer assistemático ou diletante. Há, sim, um ecletismo em Delfim Santos e um grande número de interesses; mas há também um fio condutor de ideias fundamentais que os liga e o espírito sistemático de quem procura uma mundividência, e não apenas a ignorância especializada do estudo ingénuo (i.e., descontextualizado) duma faixa estreita do conhecimento.

Em *Situação Valorativa do Positivismo*, apesar do seu estilo de relatório e quase enciclopédico, Delfim Santos defende teses fortes e corretas, não sendo, assim, uma obra meramente exposição depreciativa. Em 1938, os assuntos abordados em *Situação Valorativa do Positivismo*, eram como *ficção científica* para os académicos portugueses: essa foi a principal razão da injustíssima má sorte de *Situação Valorativa do Positivismo*.

É um livro, também, extremamente didático: dum modo muito simples e em pouco texto, Delfim Santos expõe as ideias fundamentais do neopositivismo, dá uma grande informação sobre os seus autores (vários muito pouco conhecidos, hoje) e as suas teses fundamentais, referindo até o percurso intelectual dos autores mais importantes, ao mesmo

³ Uso aqui o termo no seu sentido lato, i.e., o primado da intuição (seja sensível seja *categorial*) na cognição, e não no sentido específico que ele tem na filosofia da matemática.

tempo que são tratadas as grandes questões filosóficas. *Situação Valorativa do Positivismo* poderia (e deveria) ser lecionada nas licenciaturas portuguesas em filosofia, já que temos tão poucos *tratados de filosofia*, no sentido mais técnico do termo.

Situação Valorativa do Positivismo é, verdadeiramente, um ponto da situação do neopositivismo, numa época em o movimento que ainda estava no seu auge, mas na qual já eram claras as cisões dentro dele e, mais importante do que isso, as suas limitações ou erros conceituais ficavam claros, o que levou a que o movimento, no seu espírito inicial, viesse a desaparecer.

O número de autores referido é impressionante; principalmente se atentarmos que Delfim Santos era um estudante de 30 anos e que tinha vindo dum país onde não se conheciam estes autores: o índice onomástico de *Situação Valorativa do Positivismo* refere 97 nomes. Delfim Santos, sem entrar em grandes pormenores, dá uma visão panorâmica exaustiva do neopositivismo. A filosofia da linguagem, a lógica, a filosofia da matemática, a teoria do conhecimento, a ontologia, a filosofia da física, a epistemologia das ciências experimentais em geral são ramos do saber tratados em *Situação Valorativa do Positivismo*. Delfim Santos não fala só dos filósofos neopositivistas como Wittgenstein, Russell, Schlick, Neurath, Carnap, Whitehead, Reichenbach, Frank, Popper, etc.: fala, também, de físicos como Einstein, Bohr, Planck, Heisenberg, Broglie, etc.; de matemáticos como Cantor, Zermelo, Peano, Hilbert, Brouwer, Fraenkel, H. Weyl, Poincaré, Mises, Gauss, Laplace, etc.; de lógicos como Boole, Nicod, C. I. Lewis, MacColl, Tarski, Chwistek, Ajdukiewicz, etc.; assim como de filósofos não-neopositivistas da época como Meyerson, Werkmeister, Bavink, H. Bergmann, Driesch, etc.

Situação Valorativa do Positivismo, apesar de estar formalmente dividida em 8 capítulos e uma conclusão, pode ser dividida, no seu estilo e temáticas, em duas partes: a primeira parte é essencialmente sobre a semântica e a lógica do neopositivismo; a segunda parte é essencialmente acerca da epistemologia das ciências experimentais, particularmente da física.

Essa primeira parte de *Situação Valorativa do Positivismo* (que corresponde aos caps. I a IV) é a mais prolífera em referências a autores, é a que contém a maior erudição e é também a mais expositiva, ainda que, em todos os assuntos e teses expostos, Delfim Santos opine.

Portanto, mesmo nessa parte de exposição do neopositivismo (que é como que uma grande reportagem científica) há um corpo de teses de Delfim Santos.

A segunda parte – a parte dedicada à epistemologia (e que corresponde aos caps. V a VIII) – é bastante opinativa e argumentativa. Nota-se, aí, um particular interesse de Delfim Santos pela epistemologia, carácter que a sua carreira irá confirmar. Nessa segunda parte epistemológica, Delfim Santos aparece mais como autor do que como comentador, ao contrário da primeira.

Na primeira parte (que é uma óbvia apresentação do neopositivismo), são expostas, fundamentalmente, a teoria neopositivista da verdade, a defesa neoleibniziana do *a priori* e a respetiva recusa dos juízos sintéticos *a priori* pelos neopositivistas (que, como muito bem refere Delfim Santos, é o cerne do neopositivismo) e a consequente tensão entre empirismo *fisicalista* e racionalismo *logicista*⁴, que fez com que os neopositivistas nunca pudessem encontrar uma solução que ligasse as verdades analíticas e necessárias da lógica e as verdades sintéticas e contingentes da experiência sensível.

Um dos pontos onde Delfim Santos é mais sagaz é a crítica ao que ele chama a *lógica dual* do neopositivismo que, no fundo, se trata da lógica extensionalista e da consequente ontologia atualista defendidas pelo neopositivismo. Delfim Santos não fala nem em extensionalismo nem em intensionalismo lógicos, mas o que está implicado na sua defesa do que chama uma *lógica trivalente* (i.e., uma lógica para além da mera dualidade verdadeiro-falso) e duma *verdade pluralista* é a ideia de que a análise lógico-semântica das proposições não pode ser reduzida à verdade e à falsidade. Delfim Santos não é contra a lógica simbólica tradicional e a sua dualidade verdadeiro/falso, mas denuncia o uso abusivo desse paradigma fora da área a que lhe corresponde – o cálculo lógico –: importar esse método da lógica formal para toda a filosofia é um grave erro:

«O cálculo simbólico tem o valor que lhe é próprio como expressão de algumas relações lógicas ou de algumas relações reais que já encontraram bem definida

⁴ Uso aqui o termo no seu sentido lato, i.e., o primado da lógica, e não no sentido específico que ele tem na filosofia da matemática, i.e., a redução da matemática à logística – Delfim Santos, pertinentemente, chama *logisticismo* a esta última tese, deixando, assim, de haver confusão.

expressão lógica; o que não tem valor nenhum é o ato extensional que pretende identificar um abstrato com realidade e apresenta como universal o que é apenas particular. O matematismo – de menor extensão do que o logicismo – pretende com os seus elementos de interpretação completamente o mesmo; o fisicalismo, ou o biologismo ou o psicologismo, todos têm o mesmo programa: extensão do limitadamente válido até ao válido ilimitadamente. Isto é demonstrativo, parece-nos, de que estamos em frente duma tendência da razão ou dum «vício» por ela adquirido de não fácil correção. [...] À logística pode ainda fazer-se a crítica que é costume repetir a propósito da lógica formal. [...] Ela não é nunca uma *ars invendi* mas sempre e só uma *ars demonstrandi*. [...] Uma questão, surgindo dum outro ponto de vista, poderia pretender saber se será sempre possível concluir da verdade ou não-verdade dum enunciado apenas pela forma lógica e completamente independente do seu conteúdo material. Verdade será unicamente uma característica formal? Não será isto já uma pressuposição de má metafísica (a metafísica é sempre má quando pressupõe) de que é possível tratar identicamente «todos» os possíveis conteúdos de «todas» as possíveis proposições sem alterar nelas a sua «possível» verdade? Ou bastará um critério formal para distinguir as proposições de «conteúdo verdadeiro» das proposições de «conteúdo não-verdadeiro»? Não é lícito, parece-nos, esta redução dum todo complexo a uma só parte simples nem a aplicação dum critério particular a regiões da realidade com as quais não possui adequação. O critério formal serve apenas para os enunciados analíticos ou tautológicos, como também são chamados. Transpô-lo para os enunciados provindos da experiência sensível é, se não mais, originar pseudoproblemas».

Delfim Santos, *Situação Valorativa do Positivismo*, Berlim, 1938, 33-35.

A lógica dual ganhou uma incorreta primazia devido a aparentemente descrever a natureza da matemática. Tal opinião é tipicamente *atualista* (i.e., amodal), subsumindo a matemática à dicotomia verdade/falsidade do discurso sobre o *efetivo* (i.e., sobre a contingência), esquecendo que ela é uma disciplina formal, que, por conseguinte, lida com objetos formais, e não com objetos reais; e, assim sendo, a matemática versa sobre o *necessário*, e não sobre o efetivo:

«A matemática nada tem a ver com o valor verdade. O valor que todas as proposições matemáticas pretendem atingir e revelar é o valor «tautologia». Só a este valor corresponde a qualidade própria à matemática – necessidade. Uma proposição pode ser verdadeira sem ser necessariamente verdadeira. Todavia uma proposição matemática é sempre «necessariamente verdadeira». Mas ser «necessariamente verdadeiro» significa ser tautológico, isto é, possuir o valor de todos os enunciados analíticos. Daqui conclui Reichenbach que os valores verdade e não-verdade nada têm a ver com a matemática e que só uma análise superficial do mecanismo de demonstração poderá fazer crer que ao matemático interessa o valor verdade».

Delfim Santos, *Situação Valorativa do Positivismo*, Berlim, 1938, 102-3.

Uma lógica do conteúdo das proposições e uma ulterior lógica da modalidade desses conteúdos ideais são necessárias para ultrapassar as limitações do dualismo da lógica extensionalista e do atualismo. Não pode ser atribuído um valor-de-verdade às proposições sobre o futuro contingente: nesses casos, deve-se falar, sim, em possibilidade ou impossibilidade. Já Aristóteles, em *De Interpretatione*, 9, apercebeu-se disso, ao analisar a proposição «Amanhã, haverá uma batalha naval». Frases sobre contingências futuras não têm valor-de-verdade; logo, nem todas as proposições são, eternamente, verdadeiras ou falsas.

Além da questão lógico-modal, há a questão epistémico-modal: mesmo no que concerne ao conhecimento de efetividades, o discurso não pode ser reduzido à dualidade verdadeiro-falso. Não só a bivalência verdade-falsidade é inadequada para as irrealidades – i.e., objetos ou estados-de-coisas possíveis e idealidades – como também, em muitos casos, para as realidades: há vários graus entre a certeza da verdade e a certeza da falsidade; e esses graus são gnosiologicamente relevantes. Os limites da teoria da verdade bivalente não são meramente ontológicos, também são gnosiológicos: a dualidade verdadeiro-falso é inaplicável não só à ontologia possibilista, mas também a uma correta teoria do conhecimento.

A ideia delfiniana duma verdade pluralista é, no fundo, a ideia de que uma proposição não pode ser apenas reduzida à dualidade do verdadeiro e do falso. Esta ideia que Delfim Santos defende em *Situação Valorativa do Positivismo* encontra-se na teoria das modalidades de crença de Edmund Husserl. O sujeito cognitivo produz juízos que não têm todos o mesmo modo de crença. Se um indivíduo com uma visão minimamente normal tiver à sua frente um cão em pleno dia claro, e emitir o juízo «Isto é um cão», essa proposição é proferida na modalidade da certeza. No entanto, se esse animal de porte médio for avistado à noite e ao longe e parecer ser um cão mas não se ter a certeza, a proposição «É um cão» tem o modo de crença da probabilidade. Se mais tarde o provável cão se aproximar e confirmamos que se trata mesmo dum cão o juízo «É um cão», ou seja, a mesma proposição, ganha um novo modo de crença – a certeza. Mas, no primeiro momento – o cão ao longe –, não se poderia dizer que frase «É um cão» era verdadeira ou falsa. Posteriormente pode verificar-se que a frase era verdadeira, mas na altura não se podia dizer; e esta diferença é fundamental.

Deste simples exemplo da experiência sensível e mundana podem ver-se as consequências epistemológicas: muitos enunciados científicos nem são verdadeiro nem falsos. Mais tarde, eles poderão vir a ser confirmados ou infirmados:

«Uma pedra que cai não é um facto falso nem verdadeiro – é um facto. A descrição feita da queda ou a determinação da respetiva lei pode ser correta ou incorreta, ou verdadeira ou falsa, mas o facto, a coisa ou a ação, em si, não podem ser classificados como falsos ou como verdadeiros. «Na realidade» nada é falso ou verdadeiro. Falso ou verdadeiro, adequado ou não, pode ser o sentido ou o significado que real ou simbolicamente lhe emprestamos. A linguagem comum identifica também «erro» e falsidade e também opõe erro a verdade. Mas o contrário de «erro» é «conhecimento» e o contrário de «falsidade» é «verdade». Corretamente não é possível identificar verdade e conhecimento, como também não é possível identificar erro e falsidade. É possível possuir o conhecimento perfeitamente adequado de qualquer coisa e todavia não o exprimir corretamente. «Conhecimento» e «expressão do conhecimento» ou verdade e expressão são coisas diferentes».

Delfim Santos, *Situação Valorativa do Positivismo*, Berlim, 1938, 22-3.

Assim sendo, uma «lógica dual», na expressão de Delfim Santos, ou uma lógica extensionalista, na expressão coeva (i.e., uma lógica em que as predicções são vistas como referindo extensões), não é suficiente para descrever a realidade, e, principalmente, o modo como a realidade se nos apresenta. Só em certos casos é que se pode afirmar que uma proposição refere uma extensão não-vazia, ou seja, que tem um referente real. Portanto, o estudo modal das proposições, o estudo das possibilidades do conteúdo da expressão (i.e., das intensões) é formalmente anterior a um estudo verofuncional.

A atualidade desta crítica de Delfim Santos é mostrada pelo facto de que a lógica modal e a lógica intensional, 70 anos depois, apesar do seu desenvolvimento nas últimas décadas, o papel que, em geral, lhes é atribuído é ainda marginal, sendo, no fundo, apenas pensadas em termos da semântica dos indexicais e pouco mais, e só são aí usadas porque a lógica extensional, ou «dual» nas palavras de Delfim Santos, não consegue lidar com os casos em que a importância do contexto em que o discurso é proferido é crucial. Por conseguinte, a generalidade da lógica e da matemática coevas são extensionalistas.

Todo este exemplo da crítica delfiniana à lógica dual do neopositivismo serve para mostrar, em concreto, a atualidade da crítica de Delfim Santos ao neopositivismo, nomeadamente, na primeira parte de *Situação Valorativa do Positivismo*.

Na segunda parte de *Situação Valorativa do Positivismo* – a parte dedicada à epistemologia, os conceitos de enunciado, de lei e de princípio, que são noções fundamentais duma teoria da ciência experimental – são analisados a partir desse conceito «pluralista» (nas palavras de Delfim Santos) de verdade. Aí, duas questões principais são tratadas: o princípio da causalidade e o princípio da indução. Ouçamos o próprio autor:

«As dificuldades do problema da indução residem nisto: é um enunciado sintético com fundamento lógico. E Kant, consciente desta dificuldade, posta bem em relevo por Hume, solucionou-a considerando o princípio da indução um juízo sintético *a priori*. Esta solução, admirável dentro do ponto de vista kantiano, não pode, contudo, como sabemos, ser aceite pelo positivismo, cujo maior esforço tem sido a desagregação do *a priori* sintético. Porém, não é possível também considerá-lo um enunciado experimental como o positivismo requer que sejam todos os que não são analíticos. O princípio da indução é sempre um enunciado demasiado geral e, sendo assim, não é possível justificar o seu sentido em relação à realidade. Isto é, o princípio da indução tem a forma dum enunciado excessivamente geral para poder ser considerado um enunciado experimental, e uma forma insuficientemente geral para poder ser considerado um enunciado lógico. E todavia tem alguma coisa dum e doutro aspeto».

Delfim Santos, *Situação Valorativa do Positivismo*, Berlim, 1938, 90.

Ou seja, do mesmo modo que a *dedução* da lógica e da matemática não deve ser usada fora destas, a *indução* da ciência empírica não deve ser usada fora do âmbito desta. O que nessa segunda parte de *Situação Valorativa do Positivismo* Delfim Santos faz, no essencial, é defender a necessidade dum método específico para cada área, numa crítica clara ao naturalismo e fisicalismo do neopositivismo – ou seja, a tentativa de aplicar o método experimental, ou melhor dizendo, o método matemático-experimental, a todas as áreas do conhecimento. Delfim Santos refere o indeterminismo da física quântica de Heisenberg como exemplo das limitações dum método, e não da pretensa contradição e irracionalidade da natureza. Trata-se dum problema experimental, e não duma estranheza e contradição da realidade. Outro problema de aplicação inadequada, excessiva dum método duma certa área científica noutra é a identificação que Galileu (e outros) fazem entre *matemática* e *natureza*. Husserl, nos parágrafos 9 –

particularmente, nas alíneas h) e i) – e 10 da *Krisis*⁵, diz até que é um mal que enferma toda ciência desde Galileu. Não é que Galileu e a consequente revolução científico-experimental do séc. XVII estejam errados, mas há um excesso de aplicação, há uma generalização indevida do paradigma matemático à física, e, portanto, uma ilícita transposição da esfera do ideal para a esfera do material. A física dos últimos 80 anos é paradigmática deste erro, tendo criado até a chamada *física matemática*, que de física (i.e., de remissão para o real, para o material) não tem quase nada. Delfim Santos, na p. 148, diz, e muito bem, que quando um paradigma científico muda não elimina o totalmente o paradigma anterior, mas sim mostra o que nele havia por defeito, o que leva à tendência para que no novo paradigma haja em excesso o que no anterior havia em defeito. Delfim Santos não o diz, em *Situação Valorativa do Positivismo*, mas está lá implícito que a história do conhecimento se faz de modo hegelianamente dialético. As posições de Delfim Santos podem parecer ecléticas, no sentido pobre do termo; porém, o que na verdade essa remissão para diferentes doutrinas revela é Delfim Santos compreender que, infelizmente, o ser humano, assim como a maior parte das teorias, tende para o simplismo, e que as teorias corretas são quase sempre as que sintetizam, as que são concatenadamente ecléticas, que é o sentido rico do ecletismo, ou seja, é o verdadeiro ecletismo. A recusa fanática da metafísica pelo neopositivismo é o grande exemplo de Delfim Santos, em *Situação Valorativa do Positivismo*, dessa tendência para o simplismo:

«Que função atribuir então à filosofia? Wittgenstein enuncia-o claramente: a filosofia é crítica da linguagem e o seu fim é a clarificação lógica dos pensamentos (Gedanken). Por isso a filosofia não poderá ser nenhuma doutrina ou corpo de doutrinas, mas sim actividade de clarificação. Mais tarde Schlick, repetindo este pensamento, dirá que filosofia é um sistema de «actos» e que no futuro se não escreverá nenhuma obra de conteúdo filosófico mas que todas as obras deverão ser escritas filosoficamente, isto é, claramente. *A recusa de conteúdo teórico à filosofia é no entanto contraditória. Afirmar-se e fazer-se valer que a filosofia não é uma doutrina é já uma doutrina. É uma atitude teórica a acrescentar às outras atitudes que a história regista e o positivismo combate*».

Delfim Santos, *Situação Valorativa do Positivismo*, Berlim, 1938, 75 (sublinhado meu).

⁵ Cf. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie: Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*, Belgrado: 1936 – *Husserliana*, VI.

Como muito bem diz Delfim Santos, a metafísica tradicional, ou seja, a metafísica racionalista, falhou quando aplicou o seu método fora da metafísica, i.e., excedeu os limites da ciência ontológica, entrando, indevidamente, noutras áreas do conhecimento. Mas isso não deve levar a que se recuse a metafísica, cometendo o erro oposto: usar o método experimental na esfera ontológica; por exemplo: o princípio da causalidade foi usado abusivamente pela metafísica racionalista em toda a filosofia; o empirismo psicologista do séc. XIX usou abusivamente a indução em toda a filosofia; o neopositivismo usou abusivamente os métodos lógico-matemáticos em toda a filosofia.

Para concluir, resumindo e enquadrando *Situação Valorativa do Positivismo* na obra de Delfim Santos, Delfim Santos foi, fundamentalmente, um epistemólogo, com uma matriz husserliamente fenomenológica, o que lhe confere uma idiossincrasia que supera, no estilo, Popper, Kuhn, Piaget, Feyerabend, etc. Fazendo uma comparação que não é redutora mas sim laudatória, Delfim Santos é como que o «Alexandre Koyré de Portugal».

Publicado no site *Delfiniana* do Arquivo Delfim Santos em 17 de junho de 2011.

Citação: Sérgio FERNANDES, Breve introdução em 'Situação Valorativa do Positivismo' de Delfim Santos, *Delfiniana, Estudos sobre Delfim Santos*, Lisboa: Arquivo Delfim Santos, 2011.

Endereço eletrónico: http://www.delfimsantos.org/textos/SFernandes_introd_situacao_valorativa_2011.